

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUÇÃO.

INTRODUÇÃO.



PANORAMA enceta com este numero o seu decimo quarto volume.

É certo que nenhum dos jornaes litterarios do paiz contou tão longa duração; mas é egualmente certo, que o PANORAMA, sempre acre-

ditado, não tem até hoje desmerecido do conceito em que foi tido desde que appareceu pela vez primeira.

Os nossos esforços tendem a procurar-lhe a continuação d'esse conceito; e para isso contamos com a mesma collaboração que até agora tem honrado as suas columnas.

Não faremos promessas irrealisaveis, ou que não possamos cumprir. Diremos só que procuraremos melhorar este semanario quanto pudermos, e n'esse empenho nos ajudarão todos os que tem amor ás lettras, e tomam a peito a instrução publica.

No proximo numero descreveremos o edificio do collegio dos nobres, em Moscow, cujo desenho apresentamos hoje.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.*

Desd'o começo de Julho de 1774 até fins de Junho de 1778 esteve silencioso e solitario o paço de Queluz, tanto em razão da doença d'el-rei D. José, que o fez passar alternadamente os verões dos tres primeiros annos na quinta do marquez de Pombal em Oeiras e no palacio da Ajuda, para d'estas moradas ir commodamente tomar os banhos do Estoril e das Alcaçarias, como por outras causas que, depois da morte d'aquelle monarcha em 25 de Fevereiro de 1777, decidiram a rainha sua filha e successora a ficar no ultimo d'aquelles paços até ao estio do anno seguinte, em que, sobre accordo e ás custas d'ella e d'el-rei seu esposo, se fez o quarto alto que jaz na rampa que conduz á praça, e no qual a mesma soberana morou sendo já viuva, quarto traçado por Matheus Vicente d'Oliveira,

(*) Continuação dos artigos que vem a pag. 29, 77, 210, 365, 370, 393 dos volumes xi e xii, 3.º e 4.º da 3.ª serie.

e que, visto d'esse largo, não diz com as outras construcções que o cingem.

Voltando regularmente a cõrte a este sitio, e tornando a festejarem-se ali com a antiga pompa e concorrência os dias de S. João, e S. Pedro, bem como os natalicios de algumas das pessoas reaes, pede a razão e a curiosidade que eu mostre aqui o quadro fallante, com retratos novos e ditos trazidos a monte da minha memoria já enfraquecida, que, apoz uma tão grande mudança de scenas n'estas occasiões alegres, apresentava a galeria reanimada onde já, a proposito das primeiras funcções que lá houveram, introduzi os meus leitores; traçando eu estas linhas não só por divertir-me e entretel-os, mas afim de registrar na idéa do publico indulgente que ler este bosquejo da nossa cõrte na derradeira parte do seculo passado muitas coisas hoje desconhecidas ou esquecidas de um mundo que acabou, para que ellas não fiquem, como tantas outras velhices, sepultadas n'uma obscuridade profunda: a pintura dos homens, que dá vida á narração dos acontecimentos, pode ser proveitosa aos que escreverem a nossa historia dos ultimos tempos.

Mas, por isso mesmo que a *realidade poetizada*, titulo que um homem de genio, bem que um tanto affectado, que conversei, deu apropriadamente ás suas interessantes Memorias, ou, como tambem dizia e usava outro grande pintor litterario com quem tratei, este modo de narrar *repondo as pessoas no theatro onde representaram*, faz maior impressão, e deixa no pensamento mais altas raizes que as descripções em que os objectos não são tangiveis e palpaveis como nas que cito e que sigo, ha tanto mais mister quem assim escreve, no paiz e não mui distante da acção que descreve, a vida de uma antiga sociedade polida ter tento na penna, para, sem frustrar as esperanças dos que buscam a exactão nas descripções, a justiça na historia, e a verdade em tudo, não ser ecco de paixões contrarias e quasi contemporaneas. Para conceituar devidamente os homens é força tiral-os do conflicto dos partidos, e não attender ás censuras acerbas nem aos panegyricos hyperbolicos das facções, que degradariam o historiador á baixeza do adulador ou do escrevinhador de folhetos satyricos; e tal foi a razão porque puz mais vagar nos *pertos* que nos *longes* d'esta pintura,

Quando eu, antes de traçar estas linhas, recordava com pausada meditação o que na minha mocidade ouvi a quem viu aquelles festins depois do, já por mim marcado, periodo activo e violento, fecundo, por vezes grande, e digno do buril da Salustio, até á cessação d'estes regosijos pela ceifa que a foice pavorosa da morte fez de alguns membros da familia real (1) pouco antes de romper o tufão de tempestades que revolvendo a Europa, deu volta ao juizo da rainha D. Maria I afiguraram-se á minha imaginação os dias serenissimos que o ceo repartiu, com uma grande colheita de paz (2), a Portugal nos breves annos do governo d'esta príncieza que sobejou a tantas dôres, como o outono doce, alegre, e frugifero que a natureza, revezando as estações, mette de permeio entre o estio ardente, brilhante e creador, e o inverno triste, duro, esteril e desabrido. As phases da vida social tem muita analogia com as do mundo physico, differencando-se porém, entre outros pontos, umas de outras em que, n'estas, os corpos naturaes guardam sempre as suas leis, e, n'aquellas, os homens aberram frequentemente dos seus principios.

De feito, bem que, nas mudanças e catastrophes dos ministros, diga o prudente, como S. Lourenço nas grelhas, *assem-me do outro lado*, a queda do marquez de Pombal, mais vencido pelos successos que pelos inimigos, e n'ella successiva e contrariamente remunerado com uma commenda, e punido com um degredo (3), deu, como elle previra (4), a Lisboa um *grande alegrão*, que, em muitos peitos, trasbordou por cima do desafogo decente; e n'este elaterio de tantas almas e tantos corações contentes de ver atermar o despotismo que, por um quarto de seculo, comprimira todos os animos, e sacrificara muitas victimas, tendo as que poderam resistir aos tormentos sido então, por cumulo de miseria, soltas d'involta com alguns malfetores (5), vaticinaram, como sempre succede, os discontentadiços do tempo passado, e creu logo de leve a turba amiga da novidade, e a vaidade aspirante e tresloucada que o novo poder, extinguindo, e não variando, os abusos do antigo, le-

ria entrar Portugal na idade de oiro. O comico, em tôdas as côrtes e em todos os tempos, está sempre ao pé do tragico: e o impeto do desejo que nos arrebatava para mudanças cega-nos aos dictames luminosos da razão e ás mais certas e claras evidencias. Tambem por esse tempo o nonagenario Voltaire, lendo avessamente a sina de um rei nascido em cruel signo, e enthusiasmando-se de um ministro que conhecia mais os livros que os homens, augurava flores e fructos a um reinado que só produziu abrolhos e espinhos: a vida humana tem duas infancias e uma só primavera.

Para fallar justamente das personagens historicas, e sobretudo das que, resumindo em si uma civilização, fizeram muitos bens á custa de grandes males, é mister olhal-as com uma admiração temperada com rigorismo. É tempo que a historia, depois de fazer boa justiça, como eu penso que fiz, ao archiministro d'el-rei D. José, pintando-o como um homem de acção, mas de coração duro, que, tendo alma para conceber e força para executar grandes empresas, se por vezes se equivocou em datas, nunca errou as marés, caracterise com igual imparcialidade a administração frouxamente branda, e, na quasi totalidade dos seus membros, com as mais rectas tenções, desacertada, que manejou os negocios logo depois da morte d'aquelle principe. Os governantes melhor intencionados podem ser mal entendidos; e, quando a este desar accresce o de não se entenderem uns com os outros, e de não haver quem os acorde e concerte, essa Babel de opiniões, tão fatal como a da confusão das linguas, faz que a machina politica pare, e que tudo fique suspenso, ou, por outros termos, abre a porta ao desgoverno, coisa muito peor que um mau governo.

As côrtes, que, entre raios de grandeza, com muitas sombras e miserias, são, contrariamente ás theorias de Bernardin de Saint Pierre e de Lavater sobre a harmonia das opposições, as maiores colleções de contrastes de character d'onde no theatro do mundo, assim como nos dramas, nascem de ordinario as peripecias, raramente tem presentado uma tão grande diversidade de genios e indoles como a que se viu n'aquella governança mosaica, sem significação, nem acção por não ter quem lhe imprimisse um pensamento e o movimento, cada uma de cujas partes componentes estava, com a heterogeneidade das doutrinas, em fronteira com a sua contraria, e tinha no nosso mundo politico, e dentro do mesmo gabinete um antipoda. A rainha D. Maria I, mihi bem dotada da natureza, e cultivada no bom ensino, mas encolhida por summa modestia, e já enredada em escrupulos, trazia sempre a sua resolução pendente do parecer alheio. El-rei D. Pedro, chamado por sua esposa ao conselho, pela mesma e na contemplação com que associara a effigie d'elle á sua nas primeiras moedas d'oiro que mandou cunhar, não tendo as prendas e prendimentos d'espírito d'aquella princeza, *nem os vir-*

(1) El-rei D. Pedro III morreu em 1786, a infanta D. Marianna Victoria, e o infante D. Gabriel seu esposo, em 1787, e o principe D. José em 1788.

(2) O tratado de paz de Portugal com Hespanha, concluido em 11 de Março de 1763 por intermediação da rainha mãe, que para esse fim passou a Madrid.

(3) Vejam-se os decretos de 1 de Março de 1777, e de 16 de Agosto de 1781.

(4) Ao Dr. Huet, que com uma sangria salvou o marquez de Pombal de um ataque apoplejico, disse, logo que tornou a si este ministro: — de fôrta alagado privastes logo Lisboa.

(5) Um d'estes, chamado Placido, e que fôrta um homem muito turbulento, como fôrta depois d'aquelle período, um crime atroz que o levará fôrta a cadeia por nome fôrta, que havia sido algoz, deu occasião a um uno do nosso poeta Nicohan Tolentino, o qual, perguntado por uma senhora acerca do modo de vida d'aquelle sujeito, respondeu: — eu cuido que elle hoje vive de enfortear por casias particulares.

te e quatro modos de negar d'el-rei D. João IV (1), obstava afoito a todas as propostas e pretensões a eito com a mesmissima phrase *eu não vou para ahi*, por julgar que dizer a tudo que não era ser justo. O, por ambição e medo, dobre e dobradiço cardeal da Cunha, ultimamente mettido no conselho d'estado e no despacho, para dizer, como dizia, a tudo que sim, pelo marquez de Pombal (a quem virou as costas mal o viu caído) asylava-se então com silenciosa complacencia nas azas da protecção de um ministro influente com quem tinha parentesco, e ao qual d'antes não fallava tambem por susto: a invariabilidade nos sentimentos é quasi uma planta exotica nas côrtes, e as amizades dos cortezãos são, por via de regra, umas mentiras reciprocas; não é porém menos certo que ha gente que não sabe ser o que é, e em quem a pusilanimidade e o amor do nicho tem ás vezes ar d'inconstancia, e até de perfidia. O mais grosso de maneiras que d'engenho, e tão audaz, loquaz e confuso como franco, frugal e isento arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha, e tambem ministro assistente ao despacho, entrando de ordinario d'outriva e não doutamente nas discussões, embrulhava por isso e pelas suas longas digressões, os negocios a ponto de fazer perder de vista os assumptos. O astuto cortezão, mas não sagaz estadista, marquez d'Angeja, presidente do erario, levando as coisas por manha, só se oppunha abertamente a todas e quaesquer despezas por mais justas e necessarias que fossem; pondo depois, por não malquistar-se com as partes, ás costas e nas boccas dos collegas, os estervos que tinham saído da sua. O, como já disse, *liso e lido* visconde de Villa Nova da Cerqueira (depois marquez de Ponte de Lima), ministro dos negocios do reino, em quem uma grande rectidão de desejos e desestima das proprias conveniencias, e a mais subida elevação de sentimentos e generosidade d'alma, se viam a miudo paralyticadas pela sua habitual distracção, e irresolução no conselho e nas obras, dilatava infinitamente o expediente com interlocuções continuas, para obter esclarecimentos superfluos ou inuteis: assim como ha pennas que, correndo arrebatadamente, precipitam as resoluções, ha outras que, por nimio apuro ou apuramento, impedem que os negocios voem. Martinho de Mello, que el-rei D. João V mettera á força na Patriarchal, e que el-rei D. José, por uma excepção da regra, fez, mau grado ao seu guia, ministro da marinha, resuscitada por este antigo conego, e do ultramar, que ainda aguarda um resuscitador, tendo, por esta habilidade e especialidade, passado para o novo governo, onde estava mais solto de mãos e de lingua, era da laia de gente de bom senso, efficaz e energica, que frisa com os homens de genio; fazendo a sua rigidez de principios e inflexibi-

lidade d'animo que elle embicasse em tudo e em todos. Enfim, o manso e molle Ayres de Sá, que o marquez de Pombal, seu parente e patrono, passara da quieta e grata còrte de Napoles para a então contra nós fragueira e rixosa còrte de Madrid, quando quiz que a nossa legação ali fosse surda, e que, por morte do languido D. Luiz da Cunha, (sobrinho do grão diplomata do mesmo nome) fez ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, por crer que, n'esta repartição, onde o omnipotente ministro fazia, tudo, era bom que o chefe nominal fosse mudo, ficando este depois conservado, por aquelle *senão*, que em algumas occasiões e prenda, no mesmo posto, sem outras inspirações que as dos seus bons sentimentos, levava elle assim, por me servir das suas proprias expressões, *a vida pachorrentamente, para não viver depressa*, sendo tido em conta de uma honesta e perfeita nullidade politica. Todas estas personagens (salvo o cardeal, por não dar som de si) mais rapida e vivamente expressadas e esculpidas, por meio da physionomia e acção, n'uma decima (1), que então teve muita voga quando ainda se não tinha introduzido na sciencia ou litteratura historica o genero de retratos politicos, poderiam, apesar de tudo, fazer algum bem a Portugal se, dando desde o principio de mão aos conselhos turbados das paixões, curassem mais de reparar as injustiças e violencias feitas pelo governo precedente, e de retocar e prefazer as reformas uteis que elle operara em todos os ramos da administração publica, que de faltar a sêde de graças e de vinganças de ambiciosos, todos occupados na expugnação dos empregos, e dos homens rancorosos, que não contentes da elongação do planeta que lhes fôra desfavoravel, queriam ver logo totalmente eclipsada uma celebridade em fama, que não se vence nem se perde em pouco tempo: mas os odios das facções não reflectem; o espirito de partido, que é o mais besta de todos, doe-se mais do fulgor que do ardor dos contrarios; e, finalmente, na balança dos ministros existentes, que governam como se enfrontam no governo, pesam pouco as memorias dos ministros mortos ou caídos, vindo talvez d'aqui a gana que o bom Ayres de Sá tinha de viver, para escapar o mais tempo que lhe fosse possivel á justiça prematura dos seus successores. Não tendo eu, por minha parte, podido fugir a estas reflexões, deitando, porém, aqui um veio de prudencia sobre muitos desconcertos, ou, para usar da phrase mais moderada de um espirituoso escriptor, *incomodos da realidade*, que deslustraram

(1) Eis aqui a decima:

O negocio se propõe;
Duvida el-rei meu senhor;
Atrapalha o confessor;
Angeja a pagar se oppõe;
Nada a rainha dispõe;
Martinho marra esturrado;
Ayres não passa d'honrado;
E o visconde, em conclusão,
Pede nova informação;
Fic o negocio empatado.

(1) Gabando-se este rei um dia de similhante prenda diante d'un cortezão, que, como muitos, não cessava de supplicar, respondeu-lhe este: — pois bem, a vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco modos de pedir.

aquella era de luzes, elegancia, e urbanidade, passarei a pintar o espectaculo variado que na noite de 21 d'Agosto de 1779 em que se festejava o decimo nono anniversario do nascimento do principe D. José, offerencia a bella e esplendida galeria de Queluz, procurando eu figurar os diversos grupos, sem os confundir, e pintar as personagens, hoje todas mortas, e por isso immoveis, que personificavam os costumes e o espirito d'aquella epoca com as suas feições e côres, que as pessoas vivas, e, como taes, moveidas, no meio de tantas vagas e ondas de mudanças, ora a favor da ordem, ora assopradas furiosamente pelo amor da liberdade, não deixam bem copiar; e visto que a melhor pintura é a que retrata a forma e a falla, darei tambem uma idéa dos dialogos entre os differentes interlocutores.

No topo da *Sala das Serenatas* estava a familia real, cujos delineamentos phisicos e moraes já tirei, fallando, depois da recepção do corpo diplomatico, com varias personagens differentemente notaveis da côrte.

A rainha D. Maria I trocava algumas palavras insignificantes, e por forma, com seus honnissimos, mas um pouco cansativos tios os senhores D. Antonio e D. José, filhos naturaes d'el-rei D. João V, e legitimados por el-rei D. José, vulgarmente chamados ainda depois de velhos, *os meninos de Palhavã*, pelo sitio suburbano de Lisboa que habitaram desde a sua infancia, e aos quaes o instruido memorião e amuado cortezão conde de S. Lourenço, que punha alcunhas mesmo aos que já tinham outras (1) chamava *S. Chrispim* e *S. Chrispiniano* pelo martyrio que aquelles dois irmãos inseparaveis tinham, por um resentimento ministerial, soffrido no Bussaco até aos primeiros dias do novo reinado. El-rei D. Pedro fallava ainda mais sobre posse com o, em tudo grosso, cardeal patriarcha Silva, feitura mal feita do ministro caído, mimoseada pelo epigrammista D. Gastão da Camara com o frisante appellido de *animal mitrado*, e de quem o bobo arlequim Estacio dizia que, se sabia theologia, a elle o devia, por lh'a ter feito aprender n'um livro castelhano, visto não ser aquelle prelado avezado ao latim. Em contrario d'estas praticas forçadas, conversava mui grata e affavelmente a rainha mãe com o tão intelligente e experiente como alegre, franco, e generoso José de Seabra da Silva, (cuja agradavel e instructiva companhia eu, ao sair da puericia, frequentei) recémchegado do presidio das Pedras Negras, onde pagara a pena de uma importante revelação que fizera áquella princeza (2), e merecera a

(1) Este camarista inoffensivo d'el-rei D. Pedro, em quem o marquez de Pombal se vingou da opposição que ás cegas lhe fazia aquelle principe, perguntando um dia a Nicolau Tolentino d'Almeida, afflicto com dôres de dentes, se queria fazer uso do segredo de um jesuita que fôra seu companheiro de carcere, replicou vivamente o sempre chistoso poeta, — se é um em que elle esteve preso dezoito annos, não senhor.

(2) A verdadeira causa d'esta desgraça, attribuida por algumas pessoas a um abuso de poder, foi o conhecimento que teve o marquez de Pombal da revelação, que José de Seabra, por

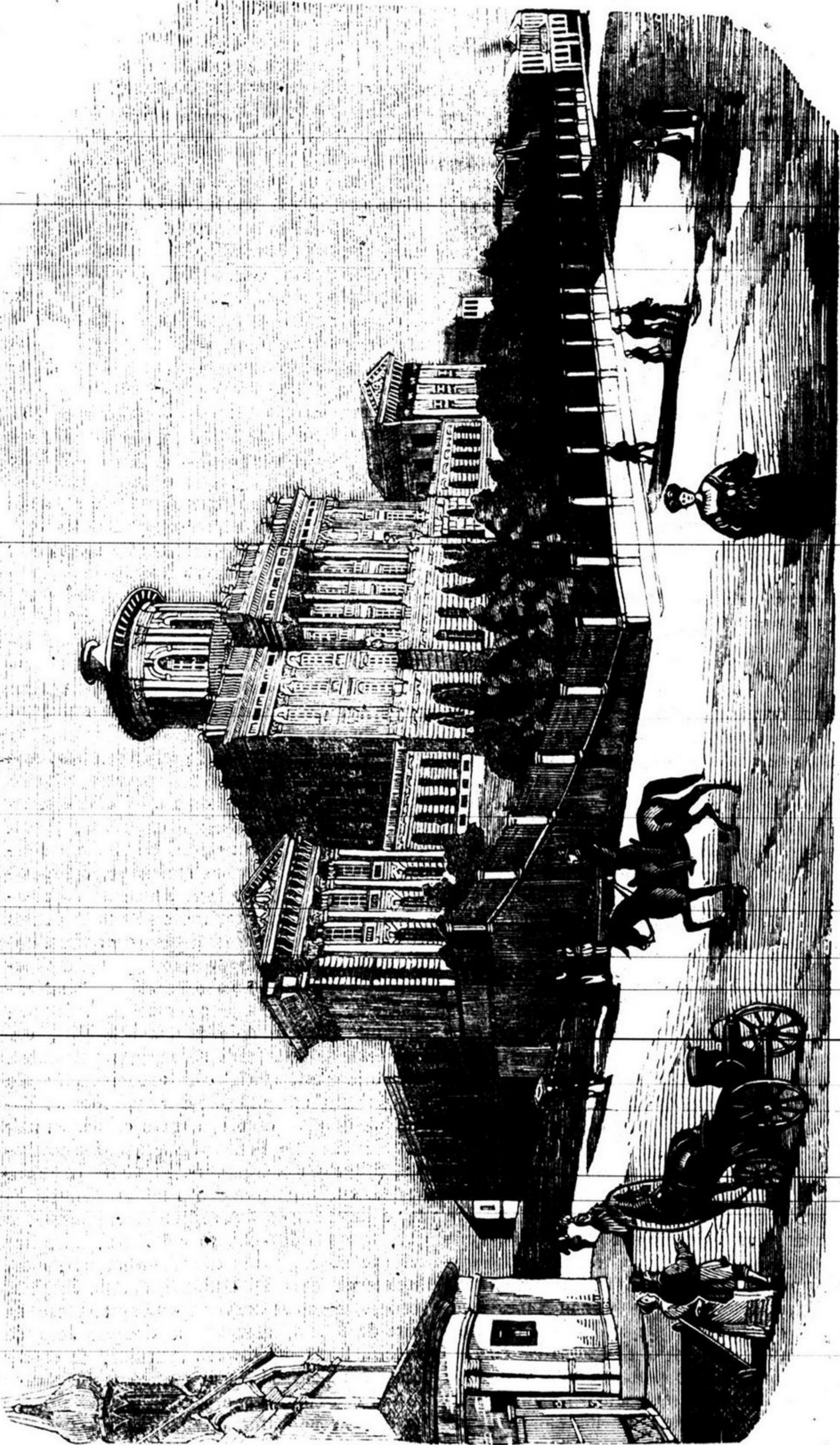
graça, que d'ali a cinco annos lhe fez a soberana, de o reintegrar no posto de ministro da corôa. O principe D. José, em quem, apar da gentileza, e de um, talvez nimio, brio juvenil (1), brilhavam os talentos da natureza desinvolvidos pela educação forte, viril, e sã, que lhe dava o eximio bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, discorria sobre a guerra do Sul com o marquez de Lavradio, homem de grande ser e respeito, e modelo consummado de urbanidade delicada, que com energia e sagacidade tinha por longo tempo, e em circumstancias criticas, vice-reinado no Brazil, onde deixou honrosas memorias, e que dentro em poucos mezes foi nomeado mordomo-mór da princeza D. Maria Francisca Benedicta. Esta formosa e amavel princeza, e sua não bella, nem tão agradavel, mas egualmente boa irmã a infanta D. Marianna, que eram a personificação do pensamento religioso applicado a obras de caridade, tratavam da fundação de um estabelecimento pio com monsenhor Mascarenhas, prelado mui douto, que passou a sua vida repartida entre letras e virtudes, e o padre Theodoro d'Almeida, congregado da casa do Espirito Santo, e homem de virtude tambem esclarecida e indubitada, e que a uma grande agudeza, e viveza d'imaginação, e a um genio suave e alegre juntava uma copia de conhecimentos em sciencias physico-mathematicas, que divulgou em Portugal com a mesma fortuna e pelo mesmo methodo do celebre abbade Nollet; merecendo pelo seu amor do proximo, o titulo de genio da beneficencia.

O infante D. João, que contava apenas doze annos, mostrava aos seus dois amigos d'infancia Francisco da Cunha e D. Vasco da Camara um lindo presente que o embaixador de França acabava de offerter-lhe da parte de Luiz XV, que havia sido seu padrinho de baptismo: e a linda infanta D. Marianna Victoria que, com a doçura do seu genio, mas não podendo suster o riso, narrava a tambem macia e serena D. Maria Joanna de Lima, sua dama camarista, o caso tragi-comico e recente do gordo viador D. Christovão de Vilhena, e do seu não menos obeso collega D. Tristão da Cunha, que só puxados por cordas, poderam sair de uma sege em que ficaram enleitados; d'onde o primeiro veio a dizer na linguagem burlesca em que fallava: *cum Tristanis nada*.

N'um grupo de senhoras e homens de côrte, onde já não figurava a discreta e diamantina duqueza d'Abrantes, ali supprida pela achacosa marquez de Villa Flor, camareira-mór e aia dos principes, viam-se tambem a velha e quasi morta marquez D. Maria Caetana da Cunha,

via da acafata D. Isabel da Gama, fizera á rainha mãe, do projecto, assim mallogrado, que o marquez formara, e queria executar de extorquir por surpresa a renuncia dos direitos successorios da princeza, depois rainha D. Maria, em favor do seu primogenito.

(1) Este principe, que tinha muita alma, foi na sua idade ardente, seduzido pela philantropia romanesca do imperador José II, que na Allemanha meridional arremedava o poeta, philosopho, musico e guerreiro Frederico II.



COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

camareira-mór da rainha mãe; a viva e desenfada dona de honor D. Ignez Breyner, que, para lograr a boa vista da galeria, dizia ao presenteiro mestre-sala, que estava adiante d'ella: *oh! senhor D. Antão, já que é d'Almada, passe para a outra banda*; D. Marianna Arriaga, dona da camara mui valida da rainha D. Maria I, e pessoa de muito discernimento, e de maneiras polidas, em cuja pousada se juntavam muitas celebridades poeticas, e, á moda franceza, se faziam jogos d'espirito; a bella e boa açafata, também valida, D. Bernarda Caupers; o corpulento e vesgo senhor D. João, mordomo-mór das duas rainhas, que perguntava ao conde de Rezende, capitão da guarda real dos archeiros, como iam as coisas, ao que o sabido fazedor de equívocos respondia, com um sorriso ironico: *isto vai como vossa alteza vê*: ao que o sempre jovial conde da Ponte, mordomo-mór d'el-rei, acrescentava: *ou está parado como aquelles relogios sem corda*, apontando para os quatro secretarios d'estado, entretidos na contemplação de um morcego que andava esvoaçando na sala, e ao qual o Estacio, e a também caturra preta anã D. Rôsa, com duas grandes canas na mão, e não pequeno risco dos lustres e dos quasi tão altos toucados d'esse tempo, davam caça.

N'uma roda de camaristas e viadores, novos e velhos, onde já não avultava o autorizado marquez d'Alvito, aio do principe, vendo-se ainda ali a doce e fina expressão da sympathica physionomia do marquez de Marialva, entre seus tres filhos os condes de Cantanhede, dos Arcos, e d'Atalaia, estavam bem assim o ingenuo marquez de Penalva, cultor das musas, e o marquez de Fronteira, que não perdia occasião de dardejear contra quem estava no poder.

No meio do salão estava o corpo diplomatico, no qual tinham havido algumas alterações depois do ultimo ajuntamento n'aquelle local. Ao estimavel cardeal Conti, homem de cabeça, e sem pês no cabello, tinha succedido, como nuncio, o limitado e muito apolvilhado monsenhor Mutti, verdadeira caricatura, que, entre estrondosos espirros exclamava: *al diavolo sia fatta questa illuminazione*, cada vez que o tossegoso Agostinho José Gomes abria uma porta para o jardim, afim de ver se se conservavam acesas as luminarias. O marquez de Bombelles, novo embaixador de França, que se assimilava na figura, na estatura, e nos gestos áquelle prelado, machucava com toda a força as delicadas mãos de monsenhor Salema, antigo ministro em França; homem brando e que era um tomo de anedotas galantes dos salões do motejador e egoista conde de Maurepas, e da marquezia de Pompadour. O orgulhoso, e, ainda quando parecia querer ser civil, descortez conde Fernan Nunes, que, depois da conclusão da paz de Portugal com Hespanha, occupava o posto d'embaixador de Carlos III, desculpava-se com o duque de Lafões, chegado de fresco do seu grato desterro nas côrtes principaes da Europa, de lhe não haver pa-

gado ainda a sua visita por não ter podido descobrir a sua morada, ao que o duque com a sua delicada ironia, respondia: *eu mesmo não sei bem onde moro, mas é lá para diante da Samaritana, e perto do embrechado de um santo e de uma velha que vende melões*. O principe Raffadalli, ministro de Napoles, e também recentemente chegado a Lisboa, onde brilhava mais pelas suas aguas marinhas que pelo fogo do seu engenho, fallava com o bom e servical D. Miguel de Portugal. Finalmente, o conde Fontana, ministro, também novo de Sardenha, homem mettido consigo, conversava com o elegante e chanceiro epicurista Aguillar.

No fim da sala estavam muitos militares e magistrados conspicuos, e não poucas nobrezas scientificas e litterarias, para as quaes o principe D. José tinha uma decidida inclinação, alphabetando, como el-rei D. João II, os nomes d'ellas e de todas as outras pessoas eminentes, para, em tempo competente, as poder aproveitar a bem da patria; que assim se ensaiava aquelle herdeiro presumptivo do throno para o governo! Avultavam entre estas diferentes capacidades, muitas das quaes dentro em poucos mezes formaram a illustre corporação que provocou, animou, e dirigiu entre nós o movimento intellectual, o aspero e teimoso conde da Azambuja, successor do não menos rigido Maclean no governo das armas da côrte e provincia da Estremadura, e que, recebendo parte de um grande incendio que abrasara o quartel do regimento de cavallaria de Mcklembourg, perguntava em voz grossa, e enfurecido a D. Antonio d'Almeida Beja, (que fôra portador d'este aviso) se se tinham salvado muitos cavallos, ao que o capitão respondia: *não, senhor, foram todos para o inferno*. Os marechaes de campo Bartholomeu da Costa, homem talentoso, e de tempera velha, e Luiz Valleré, summamente amavel e perito, discorriam sobre planos tendentes ao grande incremento que, graças a ambos, então tiveram em Portugal as fundições d'artilheria, e a arma que por excellencia se chama *engenharia*; ao passo que o coronel Luiz Clavier, ajudante d'ordens do marquez d'Angeja, era o objecto de ditos mui engraçados pela scena joco-seria d'este official com um leigo torto tão bem pintada em quatro decimas por Nicolau Tolentino. O quasi cego e longevo chanceler mór do reino Antonio Freire d'Andrade Encerrabodes, a quem o marquez de Fronteira chamava *o seculo ambulante*, um dos muitos homens lidos e jucundos de que se perdeu a semente, e que, tendo sido ministro em Roma, onde fez certame de bons ditos com Benedicto XIV, e em Inglaterra, onde foi mui estimado de Jorge I, sendo, sem que se soubesse o porque, preso na torre de Belem, abraçava a Gonçalo José da Silveira Preto, magistrado instruido, de entendimento repousado, mui pratico nos negocios, de são conselho, e que passava por ser o mentor de dois ministros, dizendo-lhe ao ouvido: e

grande canseira, amigo, ser desasnador de parvos e teimosos. Junto d'elles, o grave e sisudo procurador da corôa João Pereira Ramos, e seu não menos illustre irmão D. Francisco de Lemos, que acabava de tomar posse do bispado de Coimbra, fallavam amigavelmente com o desembargador do paço Antonio Henriques da Silveira, antigo e mui distincto lente da Universidade, mas que, pela sua figura mesquinha, e pela coroinha que tinha de minorista, foi muitas vezes tomado por um sachrista. N'um grupo de ecclesiasticos via-se o padre Antonio Pereira de Figueiredo, defensor acerrimo das liberdades gallicanas, e das doutrinas pistoienses, de que algumas pessoas procuravam vamente removello, fallando em assumptos litterarios com os seus antigos collegas o erudito e perseguido Antonio Verney, seu irmão Diogo Verney, homem de critica ajustada, que, possuindo a sciencia, o gosto, e o estylo, concorreu com o seu *Verdadeiro Methodo de Estudar* para o acordamento litterario de Portugal, e para debellar o fatal *gongorismo*: os eximios philologos Antonio Alves, Antonio das Neves, José d'Azevedo, e Francisco José Freire, mais conhecido pelo anagramma de *Candido Luzitano* e que tanto cooperou para a restauração da boa poesia; e João Faustino, excellente astronomo, e que foi a primeira pessoa que fez subir machinas aerostaticas n'esta côrte. Não longe d'esta fieira de grandes sabios fr. Francisco de Sá, serventuario do cargo de esmoler-mór, e que por morte do seu general, em quinta-feira santa, mandou dobrar os sinos sem badalos, estava, ao que parecia, conversando mui attentamente com D. de S., que, n'uma falla que acabava de fazer n'um tribunal disse que: *quando Christo creou o mundo poz cada coisa em separado para que os homens as não confundissem*; estando tambem ali como interlocutor L. M. de M., o qual, n'uma memoria que publicou, refere que: *os hospitaes antes de os haver, eram governados pelos bispos.*

Na sala immediata (fornada de seda, e não guarnecida de espelhos, como eu por engano disse,) estavam logo á entrada os nossos bons poetas Diniz, Gonzaga, José Basilio da Gama, Durão, João Xavier de Mattos, Nicolau Tolentino, José Anastacio da Cunha, Paulino Cabral, Caldas Barbosa, Mathias Azedo, Theotonio Gomes de Carvalho, Curvo Semedo, e os dois Malhões, todos os quaes já mencionei e pinteí, fallando em voz baixa, com muito louvor, de um poema heroe-comico intitulado — o Reino da Estupidez —, e attribuido ao doutor Francisco de Mello Franco, ainda estudante, em que o autor mettia a ridiculo as ninharias retrogradadas do novo reformador e reitor da Universidade de Coimbra. N'outro rancho de poetas, via-se Francisco Manuel do Nascimento, filho da escola de Garção e Diniz, e imbuido no gosto da sabia antiguidade, bem que seguisse livremente um trilho novo, e que foi o que entre nós mais finamente entendeu e executou o artificio d'es-

tylo a que se deu o nome de *harmonia imitativa*: Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalisam com as de Gesner, não sendo as suas cançonetas, que deixam n'alma um ecôo de harmonia; inferiores ás de Metastasio: fr. Joaquim Forjaz, engenho livre, que, a uma eloquencia impetuosa e rica de pensamentos, e a uma voz insinuante e vigorosa, como a dos antigos oradores da Grecia e de Roma, juntava a linguagem de uma musa solta e independente; não sendo menos admiravel pela naturalidade e graça dos seus conceitos, que pela viveza riquissima dos affectos, e pela facilidade da versificação e doçura da rima: monsenhor Corrêa de Sá, depois bispo do Porto, cujas saboridas poesias, quasi sempre inspiradas pela jocosa Thalia, mostravam que o culto das musas não é inconciliavel com as acções proprias de um pastor em tudo exemplarissimo: fr. José do Coração de Jesus, não menos sublime poeta, em quem brilhavam, como Voltaire disse do cardeal Quirini, as tres Graças de Homero e a Graça Divina, soltava mansamente alguns soluços pelo injusto degredo do horaciano Antonio Ribeiro dos Santos, seu mui fiel e terrissimo amigo: Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, magistrado inteiro, não menos notavel pelos seus conhecimentos juridicos, que como poeta, e cujas produções, repassadas de uma meiga ternura, eu que tantas vezes lh'as ouvi recitar n'um tom de voz que as tornava mais melodiosas e expressivas, folheio com o mesmo prazer melancolico com que se desfolham as ultimas rosas do verão, e se trilham nos bosques as folhas caidas e descoradas no outono. Junto d'estas celebridades poeticas esfavam o padre Braz, que vinha de dar em verso as suas — Novidades —, que ficaram passando em proverbio, e o alto e narigudo prior da Nazareth, autor tambem burlesco do — Palito Metrico — ouvindo repetir ao doutor Matta uns versos compostos pelo engraçadamente picante Lobo, pintando a tormenta que correu, vindo de Salvaterra para Lisboa, o doutor Estevão Manuel Raposo, versos, que eu sabia e esqueci, e nos quaes vinha uma invocação d'este medico da camara a Neptuno que acabava assim:

Lembra-te da minha esposa,
E vê que tem raposinhos.

Emfim, na sala hoje chamada do *Alenternim* pela claraboia que ali se mandou fazer no tempo da invasão franceza) estavam o moço, e já com grandes credits de scientifico, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, depois visconde e conde de Barbacena, doutor em leis e em philosophia, e primeiro secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, discursando, com o talentoso, encyclopedico, e algum tanto desconfiado José Corrêa da Serra, que lhe succedeu n'aquelle cargo, e com Alexandre Antonio das Neves, douto e jovial demonstrador

de historia natural e physica experimental, e o sabio naturalista Vandelli, sobre a nova nomenclatura barbaro-inintelligivel com que os francezes tinham, por me servir da phrase de um homem de genio, abarrotado a sua linguagem scientifica nos livros de medicina, chymica, e historia natural: e, chegando-se a estes quatro homens um, então mui influente, que lhes fallou na conveniencia de se fazer uma plantação de chá na serra da Arrabida: *eu, por mim*, respondeu Alexandre Antonio das Neves, alludindo á falta de cuidado em promover a cultura do trigo, *digo que, antes do chá, devem vir as fatias*. N'um circulo de frades, formado junto ao corredor que communica com a capella, viam-se fr. José da Rocha, dominico fino e que tinha predominio no arcebispo de Thessalonica; o bom conversador e estimavel nery padre Bonifacio Ferreira, confessor da senhora infanta D. Marianna; o cruzio D. Thomaz da Virgem, professor de philosophia no collegio de Mafra; o menos agudo grillo fr. José da Consolação a quem, materialmente fallando, chamavam *cabeça de santo Athanzio*; o manso e instruido capucho fr. Sebastião de Santo Antonio; o grande cometa loyo Antonio Pinto, depois conego de Braga e atacado de um grande fastio; fr. Antonio Forjaz, gráciano, que não tinha as graças oratorias e poeticas de seu confrade e irmão fr. Joaquim; fr. José de Moraes, bernardo de muito tino; o douto benedietino fr. José de Santa Escholastica; e fr. Alexandre Palhares, franciscano bem fallante apesar de lhe tardar a falla, ouviam, com riso amarello, um soneto de Paulino Cabral satyrisando as corporações a que aquelles religiosos pertenciam, e que o singelissimo ex-jesuita, e pouco feliz hydraulico, Estevão Cabral lhes repetia. (1)

N'um grande grupo em que se distinguiam Joaquim Ignacio da Cruz, thesoureiro mór do erario, homem talhado para merecidamente occupar maiores empregos, seu irmão Anselmo José da Cruz, alma grande em corpo pequeno, os lentes Paschoal José de Mello Freire, contra cujo compendio de direito patrio se tinha levantado um grande partido, e Manuel Paes de Aragão, ou *Dragão* Trigoso, como lhe chamavam os estudantes para pintar o seu semblante que não devia nada á formosura e a sua excessiva severidade; e José Ricalde Pereira de Castro, a quem o moço conde de Tarouca perguntou *como anda?* ao que elle sempre de bom humor, respondeu: *para diante*; tornou-lhe o conde: *pois não é pouca habilidade, em quem figurou tanto no antecedente reinado, ir tambem n'este ávante, quando outros que estavam nas mesmas circumstancias tem desandado ou per-*

(1) Para comprovar a singeleza do padre Estevão Cabral bastará dizer que, ouvindo elle cantar a senhora D. Marianna Victoria n'um serenim que houve no paço da Ajuda, virou-se para D. Lucas Giovini, dizendo em voz alta, e em ar de quem fazia um cumprimento: = a rainha canta mal, mas é desafinada. = o que excitou o riso d'esta princeza e de toda a companhia.

dido o trilho. Viam-se tambem na mesma sala, entre outros artistas, o velho Francisco Vieira, melhor pintor que poeta, e condecorado com o habito de S. Thiago que trazia dentro de uma concha, queixando-se ao gordo e jocoso leigo marianno fr. Bernardo, denominado *bispo de Saragoça*, e mui estimado do arcebispo inquisidor geral, de que o santo officio não deixasse passar um trecho da vida, que elle compozera em verso e queria imprimir, de sua adorada e fallecida esposa; achando-se tambem ali Pedro Alexandrino de Carvalho, que pintara os retabulos dos tres altares da capella de Queluz; Parodi, que fizera os retratos mui parecidos de um grande numero de pessoas da cõrte, e Luciano José dos Santos, João de Sousa de Carvalho, e Antonio Leal Moreira, excellentes compositores de musica.

A um signalado por Pedro José da Silva Botelho, director dos theatros reaes, abriram-se as portas para o corredor em que está a escada que conduzia ao antigo theatro no mesmo local onde se construiu o quarto alto de que fallei, e que habitou a rainha D. Maria I depois de viuva; indo toda a cõrte assistir á representação do drama intitulado — *La Galathea* — composto por Metastasio, posto em musica por Antonio da Silva, e executado sob a direcção de João Cordeiro, pelos excellentes cantores recém-chegados d'Italia José Orti, Luiz Torriani, José Romanini, e Violani que cantou primorosamente a bella aria da scena final — *Ah! taci Alcide amato* —, depois da qual houve uma dança da composição de Alberti, chamado *il Tedeschino*; terminando a funcção por um vistosissimo fogo de artificio:

MARQUEZ DE REZENDE.

ECONOMIA RURAL.

Em os periodicos agricolas, publicados em Buda (Hungria), inseriu-se um artigo assignado por Jatschka, em que este recommenda que se faça a poda das cepas no outono, em vez de ser feita na primavera.

Em um vinhedo das cercanias da dita cidade (diz o artigo) fez-se o respectivo ensaio, podando-se metade das cepas no outono, e a outra metade na proxima primavera.

Affirma o referido Jatschka que as primeiras rebentaram muitos dias antes das segundas; resultando ainda o beneficio d'uma baixa nos jornaes, que são mais modicos no outono do que na primavera.

Ao artigo, que inserimos do sr. marquez de Rezende, pertence uma gravura que representa o palacio de Queluz, a qual não podemos publicar n'este numero, o que faremos no immediato.